

Interpretar é reconhecer-se no outro: o conceito davidsoniano de interpretação radical

RESUMO

Este artigo pretende apresentar o conceito de interpretação radical desenvolvido por Donald Davidson. Tal conceito relaciona pensamento, linguagem e mundo, de modo a considerar que só a comunicação pode proporcionar o conceito, sendo o diálogo o contexto real de toda e qualquer objetividade. Para Davidson, não há significação sem interpretação e sem compreensão. Nós só interpretamos à medida que reconhecemos no outro as nossas próprias normas de consistência lógica, à medida que reconhecemos o outro como racional e coerente.

Palavras-chave: Donald Davidson; Interpretação Radical; Princípio de Caridade.

RÉSUMÉ

Cet article vise à montrer le concept d'interprétation radicale développé pour Donald Davidson. Ce concept identifie la relation entre la pensée, le langage et le monde, où seule la communication peut fournir le concept, et le dialogue est le contexte réel de toute objectivité. Pour Davidson, il n'y a pas de signification sans interprétation et sans compréhension. Nous arrivons vraiment à interpréter quand nous reconnaissons dans l'autre nos propres normes de consistance logique, quand nous reconnaissons l'autre comme rationnel et cohérent.

Mots-clés: Donald Davidson; Interprétation radicale; Principe de Charité.

* Programa de Pós-Graduação em Ética e Epistemologia da UFPI.

Introdução

"A possibilidade do pensamento vem com a companhia."
(Donald Davidson)

Historicamente, o extenso debate que toma a linguagem como um problema filosófico foi aberto pelo diálogo platônico *Crátilo*. Numa instigante conversa, Hermógenes, Crátilo e Sócrates confrontam as teses naturalista e convencionalista acerca da linguagem, discutem sobre a origem e a justeza dos nomes e se dispõem a analisar as relações entre o conhecimento, as palavras e a verdade. A posição mais incisiva será a adotada por Crátilo que, na defesa do naturalismo, argumenta: "Sou do parecer, Sócrates, que os nomes instruem, sendo-nos lícito afirmar com toda simplicidade que quem conhece as palavras conhece também as coisas." (435d, e). No final do diálogo, amparando-se na ambigüidade e na polissemia das palavras e dos nomes, Sócrates aconselha Crátilo a procurar alguma coisa que faça ver, sem as palavras e fora dos nomes, a verdade das coisas: "não é por meio de seus nomes que devemos procurar conhecer ou estudar as coisas, mas de preferência, por meio delas próprias." (439b).

Atualizadas ao longo da história da filosofia, as teses contidas no diálogo *Crátilo* parecem ter firmado inapelavelmente a possibilidade de, por meio da tematização do uso geral da linguagem e mais especificamente do uso das palavras e dos nomes, podermos entender como os homens se situam no mundo e se relacionam entre si.

No contexto recente dos prolongamentos desse debate, o filósofo norte-americano Donald Davidson aparece como uma presença inovadora, ele salta o entorno platônico e encontra pontos novos, rejeita a idéia de que a linguagem possa transcender o conhecimento, e não acredita que exista qualquer pensamento que possa dispensar a linguagem. Para ele, linguagem, conhecimento e pensamento só podem existir dentro de um

contexto social de interlocução. A partilha do mundo e o acordo entre os falantes é o que possibilita a existência de condições objetivas de verdade.

Davidson e o conceito de interpretação radical

Basicamente através de pequenos artigos, publicados sobretudo em revistas especializadas e anais de congressos, Davidson construiu um programa filosófico completo, onde são desenvolvidas questões sobre a linguagem, a relação mente-corpo e a teoria da ação. Entre outros feitos, ele revitalizou o conteúdo da filosofia da linguagem ao acrescentar-lhe o caráter social do pensamento, situando-o numa relação triangular entre pelo menos duas mentes e um mundo objetivo compartilhado.

Em seu programa, segundo Richard Rorty, Davidson afasta-se do "puritanismo filosófico."¹ De modo geral, ele refuta noções filiadas ao platonismo, não por creditá-las como "erradas" ou "inconsistentes", mas simplesmente porque não há muito a dizer sobre elas: "não há modo de 'naturalizá-las' ou conectá-las de algum outro modo ao restante da inquirição, ou da cultura, ou da vida." (RORTY, 1994, p.308). Para Davidson, as capacidades de usar uma linguagem, de pensar ou agir se desenvolvem conjuntamente e de modo gradual. Não há como hierarquizar linguagem, pensamento e ação.

O programa davidsoniano funciona como uma interessante teoria da comunicação lingüística, onde o agir e o conversar são analisados através de uma perspectiva holística. Nele, o mais importante é buscar compreender as linguagens naturais (todo o conjunto de signos que têm ou já tiveram uso efetivo), questionando em que condições de significações e de verdade desenvolvemos os conceitos e capacidades que temos para reconhecer a realidade.

De acordo com Maria Cristina Sparano, Davidson não se fecha em um sistema, é

¹ Rorty (1994) chama de "puritanismo filosófico" as teorias que afirmam como *suspeita* qualquer coisa incapaz de ser "logicamente construída" a partir de certezas. Segundo ele, a defesa do conhecimento *a priori* do significado é um modo de conservar essa forma de puritanismo.

muito extenso para isso. Às suas conjecturas audaciosas tornam-se tanto problemáticas como também estimulantes: “ele pode assim escapar a todas as etiquetas: realista, nominalista, reducionista, não-reducionista, construindo uma teoria do significado por subtração, cujo eixo é a racionalidade.” (SPARANO, 2003, p. 38). Na compreensão dessa autora, o grande *insight* davidsoniano está na ligação dos enunciados ao pensamento, aos outros e a nós mesmos. E essa ligação não cabe em categorizações fáceis, de modo que filosofia de Davidson não é uma solução para os problemas da linguagem: “ela mesma é um problema e encerra muitos Davidsons.” (Idem).

Dentro da complexidade da filosofia davidsoniana, o conceito mais central é o de interpretação radical. Para Davidson, não há qualquer significação sem interpretação e toda compreensão envolve uma interpretação radical. A interpretação é um processo coletivo, só existe dentro de uma comunidade de intérpretes, e é o modo mais razoável de se conhecer o mundo.

O conceito de interpretação radical não tem vinculação metafísica. Considera que é somente pelo caráter social do pensamento e da linguagem que as pessoas, à medida que compartilham um ambiente comum, podem alcançar o entendimento entre si, mesmo diante de toda a falibilidade e confusão que possa ter uma comunicação. Na explicação de Stein:

Com essa teoria, Davidson coloca a interpretação tendo por finalidade o acordo, não somente o acordo possível, mas o acordo como condição de possibilidade da própria interpretação. Desse modo, Davidson mostra como compreender uma linguagem supõe uma capacidade de interpretá-la em outro. Assim, a comunicação repousa sempre sobre um mundo comum partilhado que constitui o mundo objetivo. SPARANO, Op. cit., p. 13)

Através do conceito de interpretação radical, Davidson defende que duas mentes, ao partilharem o mesmo contexto, compartilham uma verdade. Os falantes pertencem à mesma comunidade lingüística se as mesmas teorias de interpretação funcionam para eles. O mental é ligado à ação lingüística, sendo que a intersubjetividade aparece como o grande fundamento para a verdade do mundo objetivo. A interpretação radical funciona como um grande mecanismo de coerência significativa, onde crença, desejo, verdade, mundo, minha mente e a dos outros estão conectados na ação lingüística. Na interpretação das intenções de um agente, as suas crenças e as suas palavras são partes de um projeto único, nenhuma parte pode ser assumida como completa sem que o resto o seja. A interpretação radical tem um sentido teórico-metodológico que:

[...] pretende resolver o problema da interdependência da crença e do significado mantendo tanto quanto possível a crença constante enquanto soluciona o que diz respeito ao significado [...] o desacordo e similarmente o acordo apenas são inteligíveis contra um fundo de acordo massivo [...] quantas mais frases para aceitar ou rejeitar maquinamos (quer através de um meio de interpretação ou não), melhor compreendemos o resto, quer concordemos ou não com elas. (DAVIDSON, 1991, p. 207).

Na elaboração de seu conceito de interpretação, Davidson é bastante claro quanto às apropriações que fez das teorias de Quine e de Tarski. Partindo do conceito quineano de “tradução radical”², Davidson rejeita a noção de significado como entidade abstrata e defende que, assim como não se pode chegar a uma tradução correta *exclusiva*, não se pode determinar um significado único para a validade de uma interpretação. Existe uma indeterminação do significado em função

² Para desenvolver o conceito de interpretação radical, Quine elabora uma espécie de experimento filosófico. Coloca um lingüista-antropólogo em um trabalho de campo tentando traduzir para o seu próprio idioma uma língua inteiramente estranha à sua. O sucesso da experiência-tradução vai ocorrer quando for abandonada a hipótese de se encontrar o significado universal ou o significado das coisas através da ostensão, concluindo-se que não é possível uma tradução única ou definitiva. A tradução correta será sempre aquela que corresponde a acordos entre os falantes da língua estrangeira e os da língua do lingüista-antropólogo.

da própria indeterminação da tradução. Entretanto, mesmo com toda a indeterminação, nós podemos apostar no entendimento mútuo, pois se há comunicação há sempre interpretação e compreensão.

Enfatizando o plano das línguas naturais, Davidson utiliza a teoria da verdade de Tarski³, propõe a substituição do tradicional esquema lógico-sentencial “s significa p” por sentenças-T do tipo “s é verdadeira se e somente se p”. Com isso, ele consegue formalizar uma teoria semântica que não é uma reunião de análises dos significados dos termos individuais, mas antes uma compreensão das relações inferenciais entre as sentenças:

Ao invés de associar o significado de s ao significado de p, a teoria associa s às condições de verdade descritas em p. Essa estratégia pretende evitar as aporias da teoria do significado tradicional e construir uma teoria de compreensão das expressões lingüísticas de L à luz de uma teoria da verdade de L [...] O significado de uma sentença s em uma linguagem L é fixado através de um teorema de verdade da forma “s é verdadeira se e somente se p”. Com a idéia da centralidade do conceito de verdade para uma teoria do significado, Davidson crê ser fiel a uma das teses básicas da semântica de Frege e Wittgenstein: conhecer o significado de uma sentença é conhecer as condições sob as quais essa sentença é verdadeira. (ARRUDA, 2005, p.139-140)

Interpretação Radical e o Princípio da Caridade

Segundo Davidson, nós só podemos interpretar os outros se considerarmos que eles têm razão. A nossa comunicação se faz sempre no sentido de tornar o outro o mais inteligível possível, pois só assim podemos interpretá-lo. Esta condição de necessário reconhecimento da racionalidade do outro

é chamada de *Princípio de Caridade*. Funcionando como o fundamento racional da interpretação radical, o princípio de caridade baseia-se no argumento de que a existência de pensamento racional em uma pessoa repousa na sua habilidade de entender outras pessoas como razoáveis também. A interpretação só é possível se encontrarmos, no outro, conteúdos de palavras e de pensamentos com os quais nos identificamos. A interpretação seria impossível se contássemos apenas com a pressuposição de que o outro sempre erra.

Se não podemos encontrar um modo de interpretar as elocuições e outro comportamento de uma criatura como revelando um conjunto de crenças largamente consistentes e verdadeiras pelos nossos próprios padrões, não temos razão para considerar essa criatura como racional, como tendo crenças, ou como dizendo alguma coisa. (DAVIDSON, 1991, p.207).

O princípio de caridade é um princípio de racionalidade. De acordo com enfática explicação de Sparano (2003, p. 126), caridade não tem nada a ver com generosidade ou com alguma virtude religiosa que impõe regras de ação para com os outros. Em Davidson, caridade especifica algumas condições necessárias para dar sentido àquilo que entendemos, observamos e interpretamos das elocuições de outros falantes, condições essas constituídas de crença, desejos e a ações.

A caridade é o que faz funcionar os acordos e a própria comunicação. Segundo Davidson, a relação entre os falantes desenvolve-se em função de uma “maximização” de ajustes, o que em nada significa a ausência de erros ou confrontos:

O conceito de maximização não pode aqui ser tomado literalmente, uma vez que as frases são infinitas em número, e de qualquer modo logo que a teoria

³ A definição de verdade de Tarski é a “convenção T”: “Uma frase verdadeira é uma frase que exprime que as coisas são assim e as coisas são efetivamente como ela assim o diz” (TARSKI *apud* SPARANO, 2003, p. 147). O que resultou na dedução formal: “s é verdadeiro, se e somente se p”, onde s corresponde à descrição da frase e p à proposição. Através das sentenças-T, associa-se s às condições de verdade descritas em p, o que é ilustrado pela clássica frase tarskiana: “A neve é branca”, se e somente se a neve é branca.

comece a tomar forma faz sentido aceitar o erro inteligível e levar em conta a probabilidade relativa de várias espécies de equívocos. (DAVIDSON, 1991, p. 206).

Os ajustes caritativos são as condições para a existência de uma linguagem ou comunicação. Eles são feitos holisticamente: mundo e ação se encadeiam. Nós só podemos encontrar sentido naquilo que os outros nos dizem quando acreditamos que o que eles dizem faz sentido, e também quando partilhamos com eles uma condição comum. Assim, compreendemos o outro quando nos reconhecemos nele e quando, com ele, dividimos um mundo comum. De acordo com Davidson, linguagem e interpretação existem sempre em função de uma relação tríplice entre a nossa participação, a dos outros e a das coisas.

A metáfora a que volto sempre é a da triangulação. Não se pode falar de alguém que está em contato com o mundo, com as árvores, as mesas, as estrelas, a menos que esteja em contato com outra pessoa que está também em contato com as coisas externas. É o que permite às coisas estarem situadas num mundo objetivo compartilhado. É este fundamento que alimenta o conceito de verdade objetiva. Parece-me que este deve ser fundado na intersubjetividade, que é somente a intersubjetividade que alimenta o *standard*, a medida, a luz através da qual se pode ver a diferença entre o que as coisas parecem ser e o que são realmente. (DAVIDSON *apud* SPARANO, 2003, p. 39).

Davidson considera que o princípio de caridade possui um conteúdo prescritivo que merece ser aplicado: devemos interpretar sempre de maneira a maximizar o acordo entre as nossas crenças e as daqueles que interpretamos. A interpretação radical deve não só maximizar o acordo, mas também otimizá-lo, de modo que os falantes se entendam cada vez mais. A compreensão entre os interlocutores é a grande medida de qualidade da interpretação, é a demonstração de que raciocinamos e também acreditamos na racionalidade do outro. Pela abordagem

caritativa, devemos priorizar a verdade diante do significado. Numa interação lingüística, verdade é sempre verdade partilhada, depende do acordo entre os falantes, que tornam verdadeira uma crença à medida que a compartilham. A verdade é a condição de inteligibilidade, de possibilidade mesma da interpretação.

O significado é sempre contextual, depende da forma como as crenças ajustam-se entre si. O significado não está num lugar platônico, não tem referência ideal ou estável, nunca é intrínseco, encontra-se na relação ativa entre interlocutores que dividem uma circunstância. Ele é resultado da ação entre os falantes. Contando com essa perspectiva,

[...] deixamos de pensar o conhecimento como uma representação acurada, de alinhar os signos nas relações corretas com os não-signos. Pois também deixamos de pensar que podemos separar o objeto daquilo que falamos sobre ele, o significado do signo, ou a linguagem da metalinguagem, exceto ad hoc, em favor de um propósito particular. (RORTY, 1993, p. 118-119).

Conclusão

O intérprete radical é aquele que diz aquilo que as palavras do falante significam no momento em que são usadas. Por isso, os valores de verdade estão preferencialmente vinculados às enunciações particulares, não existem enunciações gerais capazes de indicar uma referência que independa do contexto em que se compõem as relações de significado.

A famosa consideração semiótica de Umberto Eco de que entre a intenção do autor e a intenção do intérprete, existe uma terceira possibilidade, existe a intenção do texto, encontra em Davidson uma paráfrase de extensão: entre as crenças do falante e a perspectiva do intérprete, existe uma terceira coisa, existe o contexto de uma realidade compartilhada. Sugerindo essa proximidade possível, ao interpretar *O pêndulo de Foucault*, Rorty deixa entender que a consideração de Eco, mesmo restrita ao campo dos signos, tem uma direção davidsoniana, holística. O

que é bem ilustrado pela ironia da fala de um dos personagens desse romance:

Quando se come o pêssego, o veludo da casca provoca arrepios que vão da língua à virilha. Os dinossauros pastaram aqui um dia. Depois outra superfície cobriu a deles. Mesmo assim, como Belbo ao tocar a trombeta, quando morde o pêssego compreendi o Reino e tornei-me o uno com ele. O resto é somente esperteza. Invente; invente o Plano, Casaubon. Foi o que todos fizeram, para explicar os dinossauros e os pêssegos. (ECO *apud* RORTY, 1993, p. 107).

Desse modo, a abordagem proposta por Davidson nos possibilita compreender que o pensamento só é possível dentro de um espaço social de interlocução. A intersubjetividade é o único *Plano*. A *invenção* é sempre feita em função de acordos e de ajustes. Nós só podemos inventar sentido para as coisas do mundo junto com os outros. Compreender um *Reino* é compartilhá-lo. Por isso, o solipsista não tem um mundo, uma existência real, uma compreensão. Em termos de inteligibilidade, uma primeira pessoa só existe na presença de uma segunda e à medida que compartilham um mundo que existe — a possibilidade do pensamento vem com a companhia.

Por último, pode-se considerar que o conceito de interpretação radical tem um traço humanista. Com ele, entende-se que um ser que é capaz de falar de modo inteligível é também capaz de compreender o outro. Acredita-se mais na razoabilidade da convivência humana, pois nós só fazemos uso efetivo de nossa razão à medida

que reconhecemos normas de consistência lógica no outro. Nossas crenças e proposições encontram objetividade não por estar referenciadas por uma evidência, mas porque são verdadeiras ou falsas na conversa que temos com os outros. A relação entre as pessoas sempre passa pela interpretação, a ação humana é sempre uma ação interpretativa. Enfim, com Davidson, percebemos que a nossa capacidade de saber sobre o mundo está na nossa relação com o próprio mundo e com os outros que, de algum modo, nos acompanham.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, José Maria. Verdade, interpretação e objetividade em Donald Davidson. *Veritas*. v. 50. n. 1, Porto Alegre, mar., 2005, p. 137-154.

DAVIDSON, Donald. Interpretação. In: CARRILHO, Manuel Maria. (Org). *Dicionário do pensamento contemporâneo*. . Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

PLATÃO. *Crátilo*. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

RORTY, Richard. A trajetória do pragmatista. In: ECO, Umberto (Org). *Interpretação e superinterpretação*. . Tradução MF. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Tradução Antônio Trânsito. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

SPARANO, Maria Cristina. *Linguagem e significado: o projeto filosófico de Donald Davidson*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.